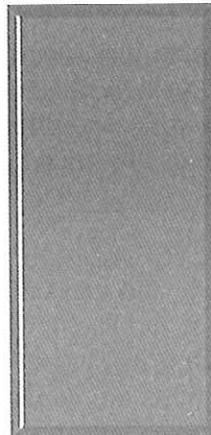


Paulo Celso da Silva (*)

o U.O u.

(*) Doutor em Ciências (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo – USP. Professor do Curso de Geografia na Universidade de Sorocaba – UNISO.



RESUMO

Utilizando o estilo e as idéias de Mário de Andrade, o autor procura discorrer sobre a cidade de São Paulo, com especial ênfase às transformações pelas quais passou, especialmente neste início de século. As reflexões estão voltadas para os 500 anos da descoberta do Brasil.

ABSTRACT

Utilizing the style and ideas of Mário de Andrade, the author seeks to talk about the city of Sao Paulo, with special emphasis on the transformations through which it has passed, especially at the beginning of the 20th century. The reflections are concerned with the 500th anniversary of the discovery of Brazil.

No aniversário dos 500 anos do Brasil,
aceitamos, com Caetano Veloso,
que não se deve perguntar
se o aniversariante está feio ou bonito;
o negócio é comemorar.

Não. O editor não errou a
formatação do texto.
Propositalmente,
optamos por ela.

No *Prefácio Interessantíssimo*
da obra *Paulicéia Desvairada*,
Mário de Andrade utilizou essa
forma para “explicar” aos
leitores o que encontrariam em
suas poesias, utilizando, ainda,
um tom coloquial, falando, até
se desculpando com o leitor:
“Sou passadista, confesso¹.”

Essa obra é o marco inicial do
movimento modernista brasileiro.
Oswald de Andrade, o “descobridor”
de Mário, no entusiasmo que
lhe era peculiar, chama o amigo de
“Meu futurista preferido”. Corria o ano
o ano de 1921 e, ser futurista, era sinônimo
de ser louco ou maluco. Muitos alunos de Mário
desistiram das aulas depois do artigo no jornal.
O próprio Mário reclama, no Prefácio: “Não sou
futurista (de Marinetti). Disse e repito-o... Oswald
de Andrade, chamando-me de futurista, errou²”

Nele, Mário aborda a maneira como
a cidade, que se transformou e
que se transformava, literalmente,

1. Mário de Andrade, *Paulicéia Desvairada*. In: *De Paulicéia Desvairada a Café* (Poesias Completas). São Paulo: Círculo do Livro, 1982, p. 19.

2. Id., ib., p. 2.

desaparecia para dar lugar à outra cidade.

O próprio Mário lembra a poesia de Luís Aranha, em seu estudo *Aspectos da Literatura Brasileira*, de 1940.

Willi Bolle observa: "A metrópole brasileira aparece pela primeira vez como protagonista literária no livro de poemas de Mário de Andrade **Paulicéia Desvairada**. Trata-se de uma visão adivinhatória, em que o poeta detecta energias que iriam transformar a cidade naquilo que ela é hoje"³.

Justiça seja feita, os poemas de *Paulicéia* são os mais conhecidos; todos concordamos. Porém, como informa Wilson Martins, o poeta Luís Aranha "...antes de Mário de Andrade e, é preciso dizê-lo, mais e melhor do que ele, foi o poeta da vida moderna e da grande cidade"⁴.

A partir de 1890, quando Antônio Prado assume a Prefeitura de São Paulo, ficando até 1910, muita coisa vai mudar na cidade. Tais melhoramentos deram à cidade *status* de metrópole.

A população provinciana e católica espera algum sinal na virada do 1900.

Mas, nada acontece!

A sensação é causada pelo bonde que corre a cidade, alegrando a criançada e assustando muitos.

Oswald de Andrade recorda a entrada de 1900 em **Um Homem sem profissão**: "Hávamos dobrado a esquina de um século. Estávamos em 1900... Lembro-me que esperei acordado a entrada do ano e do século, acreditando que à meia-noite, qualquer

3. Willi Bolle, *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 34.

4. Wilson Martins, *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix/EDUSP 1978, vol. VI (1915-1933), p. 245.

coisa como um sinal metafísico se descobrisse no céu,
...Mas nada vi. O que veio...foi o cometa de Halley.
Houve uma correria na vizinhança. Toda gente foi para
a rua e pela primeira vez ouvi falar em fim de mundo”.⁵

A cidade já apita no
ritmo da industrialização, promovida
em parte pelos lucros do
café e pela imigração, trazendo a mão-de-obra
e outra visão empresarial para o Brasil.
Industrialização que traz o capitalismo
como modo de produção dominante,
proletarizando grandes contingentes
da população, encerradas em bairros
operários da cidade de São Paulo
e do interior paulista (Sorocaba, Itu, Tatuí,entre outras).

A burguesia industrial é, na sua
maioria, urbana, diferenciando daquela
ligada ao campo. A cidade transforma-se
para dar lugar ao novo, ao moderno.

Corre o bonde pelo centro da metrópole, no
triângulo paulista, formado pelas ruas Direita,
15 de Novembro e São Bento. O capital movia o
comércio e os negócios das elites que ocupavam
seus espaços elegantes e agitados.

Bancos, hotéis, jornais, restaurantes
concorriam com as mansões de ricos
capitalistas como Antônio Prado, Conde Álvares
Penteado, Elias Chaves que, depois, se mudaram
para a tranqüilidade dos palacetes da Av. Paulista.
Nem só dos negócios vivia o Triângulo.
Antônio de Almeida Prado afirma:
“Toda a vida social e alegre da cidade, os casos
pitorescos, os mexericos, as novidades e os

5. Oswald de Andrade, *Um homem sem profissão*. Memórias e confissões 1. Sob as ordens de Mamãe. Rio de Janeiro: José Olímpio,1954, p. 44.

últimos ditos de espírito, eram ali cozinhados em rodinhas.”⁶

A cidade de São Paulo, no início do século XX, já contava com 240 mil habitantes. Grande parte era de imigrantes que, entre 1911 e 1920, radicados em São Paulo, chegavam a 140 mil.

A burguesia urbana emergente vivia o furor do café, do grande lucro que a economia cafeeira proporcionava.

Personagem da metrópole, o burguês é uma nova figura para a economia paulista. Nova porque aparecera com o surto industrial dos anos 1870, muitos, como Francesco Matarazzo, Francisco Scarpa, Antônio Pereira Ignácio, Matheus Maylasky ligados às atividades urbanas.

Nos bairros operários vivia-se no limite da existência, da simples sobrevivência.

Patrícia Galvão, a Pagu, vai retratar, em, 1933, no romance panfletário, **Parque Industrial**, a vida das operárias, de maneira crua e direta. Porém, Mário de Andrade, na **Paulicéia**, já denunciava a situação, em **Ode ao Burguês**:

“Eu insulto o burguês! O burguês-níquel, o burguês-burguês!

A digestão bem-feita de São Paulo!

O homem-curva! o homem-nádegas!

O homem que sendo francês, brasileiro, italiano, é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!”⁷

E, Oswald de Andrade, retrata o cotidiano e o comportamento na cidade de São Paulo, crescentemente moralista:

6. Revista *Nosso Século*, n. 7, 1900/10. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 169.

7. Mário de Andrade, op. cit., p. 44.

“Assisti ao desnudamento do homem como da mulher no meu século. Esta coitada, até a minha adolescência, esmagava o corpo entre espartilhos e barbatanas de cintas ferozes. Era preciso tirar dela os últimos traços do natural. Nada de canelas à mostra, nem braços, nem começos saltitantes de seios... Isso fazia a mola do desrecalque das noites de núpcias, de onde muitas vezes as recém-casadas saíam de maca, furadas de todos os lados pela potência patriarcal em desespero. O bordel passou a ser o ideal para a mocidade de meu tempo... Casadas, as mulheres transbordavam de gordura em largas matinês, o que fazia os maridos, saudosos de carne muscular e limpa, voltarem aos bordéis. Uma vida de simulação ignóbil abençoada e retida por padres e confessores, recobria o tumulto das reivindicações naturais... Foi Isadora Duncan⁸ quem com seus pés nus pisou pela primeira vez a terra que, atrás de seu exemplo, se desnudaria”⁹

Mas a cidade cresce e destaca-se no cenário nacional. A Semana da Arte, de 1922, vem coroar as mudanças que o concreto pensado inflige na consciência. Nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, a elite paulista pode presenciar o novo.

Financiada por Paulo Prado, ligado à economia cafeeira e incentivador dos modernistas, e pelo Presidente do Estado de São Paulo, a Semana custará 847 mil réis. Para podermos avaliar a importância desse custo, o saldo brasileiro na balança comercial de 1919, o mais alto desde 1906, foi de 844.460 réis.

O operariado vai vivendo.

Inspirados na Revolução Russa de 1917, os trabalhadores partem para a Greve Geral, nesse mesmo ano,

8. Isadora Duncan foi a primeira “bailarina” (ela detestava ser chamada assim) a dançar descalça nos palcos, causando escândalos e estranhamento no começo do século XX. Cf. Isadora Duncan, *Minha Vida*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1989.

9. Oswald de Andrade, op. cit., p. 102.

paralisando muitas fábricas e conseguindo parte do reivindicado: melhores condições de trabalho... para continuar trabalhando!

Aos modernistas, nesse momento, cabia a revolução estética. Revolução tardia, comparada ao que já ocorria na vanguarda latino-americana que, já em 1888, no Chile, vê publicada a obra poética "Azul", de Rubén Darío. Atrasada, se comparada a Europa e todos os seus manifestos anteriores á década de 1910.

"Horríveis as cidades!
Vaidades e mais vaidades...
Nada de asas! Nada de poesia! Nada de alegria!
Oh! os tumultuários das ausências!
Paulicéia – a grande boca de mil dentes;

.....
Estes homens de São Paulo
todos iguais e desiguais,
quando vivem dentro dos meus olhos tão ricos,
parecem-me uns macacos, uns macacos"¹⁰

A "grande boca" de mil dentes vai engolindo tudo, saboreando café. A década de 1920, com seus 580 mil habitantes, é de prosperidade para a cidade e para muitas famílias abastadas. O fim da década prepara um golpe: a quebra da Bolsa de New York, em 1929. Prepara mudanças com a Revolução de 1930 e, depois, a de 1932. A população atingia 1.315.500 habitantes e muitas contradições.

De um lado, a criação da Escola Paulista de Medicina, fundada por um grupo de médicos liderados pelo Prof. Otávio de Carvalho, em 1933, e a criação da Universidade de São Paulo, em 1934, alicerçavam a cultura e o ensino superior da metrópole.

Do outro, grandes contingentes de operários sofriam o golpe da revolução de 1930 devido o recuo

10. Mário de Andrade, op. cit. p. 38.

da organização sindical, em conseqüência das “políticas trabalhistas” de Vargas, então ditador golpista, apoiado pela massa.

Esses fatos aumentam ainda mais as distâncias entre as classes sociais na metrópole industrial. “Esses homens de São Paulo, todos iguais e desiguais”, são mais desiguais entre si.

Conforme a metrópole cresce e verticaliza-se, no plano da rua, o individualismo e as discriminações crescem com o sentimento do grande confronto armado que está prestes a ocorrer na Europa.

A década de 1930 para a cidade e o processo industrial é um marco importante.

Nela, a elite agrária exportadora digladiava-se com a elite industrial pela hegemonia política e econômica. Vence a segunda, com apoio de Getúlio Vargas, com forte tendência industrial e urbana.

Intelectuais influenciados pelo ideário comunista reforçam as fileiras do Partido Comunista Brasileiro, militando ao lado dos trabalhadores, e o lema do momento é, então, proletarizar-se.

Patrícia Galvão e Oswald de Andrade estão nesse momento. Após um encontro de Patrícia Galvão com Prestes, exilado na Argentina depois do fracasso da Coluna Prestes, converte-se ao comunismo e passa a militar no eixo São Paulo-Santos-Rio de Janeiro.

É a primeira mulher presa em cárceres políticos na história brasileira. Após vários confrontos, prisões e pressões do próprio partido, faz uma viagem ao mundo, de 1933 a 1935. Quando retorna, é presa, ficando confinada até 1940.

Oswald de Andrade é perseguido pela polícia política de São Paulo, foge várias vezes, lança

livros, separa-se de Patrícia, casa-se novamente, volta a vida de jornalista de antes.

A ditadura Vargas marca um outro momento político e econômico em São Paulo e no Brasil.

Mas isso são outros 500.